

# A VEICULAÇÃO DO CARNAVAL MINEIRO NA DÉCADA DE 1980: “A SALVAÇÃO DA PÁTRIA BRASILEIRA”<sup>1</sup>

MS. SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR  
Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer,  
Universidade Federal de Minas Gerais  
(Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil)  
E-mail: sarahtsouttomayor@hotmail.com

## RESUMO

*O presente artigo pretende discutir a veiculação do carnaval em Minas Gerais durante a década de 1980, por meio da análise de um importante impresso do período, o jornal Estado de Minas. Foi possível perceber que, diante do grave cenário político e econômico vivenciado pelo país no período estudado, o carnaval foi amplamente veiculado como “salvação” para os problemas enfrentados, como “válvula de escape” ou como uma festa pura e ingênua, capaz de traduzir a espontaneidade popular. E assim, no seu aparente caráter desprezioso, colocou em circulação processos formativos que, muitas vezes, tornam-se inquestionáveis pela imparcialidade que parecem possuir frente a outras questões “mais sérias” da vida ordinária.*

*PALAVRAS-CHAVE: Carnaval; jornal; processos formativos; lazer.*

---

1. Trabalho produzido com financiamento da Capes.

## INTRODUÇÃO

*A felicidade do pobre parece  
A grande ilusão do carnaval  
A gente trabalha o ano inteiro  
Por um momento de sonho  
Pra fazer a fantasia  
De rei ou de pirata ou jardineira  
e tudo se acabar na quarta feira.  
(A felicidade, Tom Jobim)*

Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada “*O carnaval de Ouro Preto: mercado e tradição (1980-2011)*”, defendida no programa de pós-graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aliada às preocupações do programa em torno da discussão do lazer enquanto fenômeno cultural e objeto de estudo inerente às complexidades das relações sociais, a dissertação, inserida na linha “História e Memória”, objetivou compreender as recentes transformações do carnaval da cidade de Ouro Preto (MG).

Como parte do movimento de compreensão da história contemporânea da festa ouro-pretana, fez-se necessário investigar um contexto maior de produção daquele carnaval, atentando-se, assim, ao que acontecia em Minas Gerais e no Brasil no período proposto para a pesquisa. Por meio desta investigação emergiram importantes dados referentes à veiculação do carnaval em Minas Gerais, intrinsecamente relacionada aos problemas econômicos que assolavam o país na década de 1980. Nesse momento, o carnaval foi amplamente veiculado no principal jornal mineiro como “salvação” para os problemas enfrentados, como “válvula de escape” ou como uma festa pura e ingênua, capaz de traduzir a espontaneidade popular. Diante destas constatações, pretende-se discutir como a festa carnavalesca foi veiculada pela imprensa na década de 1980, no estado de Minas Gerais, estabelecendo relações com o cenário político e econômico vivenciado pelo país nesse momento.

Para isso, foi pesquisado o jornal Estado de Minas, escolhido por ser considerado o veículo de maior representatividade no cenário mineiro na temporalidade proposta pela pesquisa. Dentre o conjunto documental disponível, foram analisadas diversas possibilidades de recursos jornalísticos, observando-se variadas formas de apresentação e inserção no jornal, como notícias, crônicas, colunas de opinião, notas informativas, propagandas, entre outros.

Em razão do grande número de exemplares, principalmente por se tratar de um jornal de circulação diária, foram pesquisadas as edições dos meses de janeiro, fevereiro e março, pensando em um período mais abrangente de ocorrência do

carnaval. Vale ressaltar que esta escolha não impediu que outros meses fossem consultados quando as necessidades da pesquisa exigiram.

Da mesma forma, o foco do trabalho não se concentrou apenas no carnaval e no que acontecia na cidade de Ouro Preto, objeto inicial de estudo. A atenção também foi voltada para a realização da festa em outras cidades e para o que acontecia, de modo geral, em Minas Gerais e no país no período pesquisado. Mesmo não constituindo objetivo principal da pesquisa e reconhecendo os limites em analisar um contexto tão amplo de produção e inserção da festa, esse movimento faz parte do reconhecimento de que a descoberta de qualquer fato histórico está relacionada às sensibilidades produzidas em um dado momento, a um ambiente social, político, econômico e cultural específico (CANNADINE, 1997).

Assim, foi inevitável associar os discursos ao que se passava no país na especificidade da temporalidade estudada. Por meio desta preocupação, é que a veiculação da festa carnavalesca pelo principal jornal mineiro emergiu como temática de pesquisa, entendendo esse veículo como lugar de produção, veiculação e circulação de discursos, o que lhe denota importante função no processo de formação de representações sobre o mundo (VIEIRA, 2007).

## O JORNAL ESTADO DE MINAS E A VEICULAÇÃO DO CARNAVAL MINEIRO NA “DÉCADA PERDIDA”: “POIS SE O POVO JÁ NÃO TEM O PÃO, VÃO TIRAR-LHE O CIRCO”?

Em toda a década de 1980, o Brasil passou por uma grave situação. No final da década anterior, embora possuísse um dos maiores parques industriais dos países em desenvolvimento, sofria com o impacto do aumento nos preços do petróleo, da aceleração nas taxas de juros internacionais e do lento crescimento das exportações mundiais. A dívida externa brasileira aumentava consideravelmente, tendo como uma das suas consequências principais, a elevação dos preços e uma inflação que perdurou por longos anos (LUNA; KLEIN, 2007).

Em muitas das fontes consultadas era evidente a grande preocupação vivida pelo país nos anos 1980, em que praticamente todas as edições do jornal Estado de Minas, de circulação diária, abordavam essa temática. Anunciava-se o aumento dos preços, principalmente da indústria alimentícia, medidas políticas e econômicas para tentar frear a inflação a cada nova alta, como a tentativa de conscientizar a população em relação à necessidade de poupar: “Cada um deve olhar para si mesmo e ver se está fazendo tudo o que poderia fazer, cada um deve examinar suas despesas e ver onde pode economizar”, ou, “pessoas que gastam como se não houvesse

amanhã devem adotar um novo comportamento”<sup>2</sup>.

Segundo uma das edições do jornal Estado de Minas, a inflação no Rio de Janeiro em 1980, alcançou a taxa de 110,2 %, “a maior já verificada até hoje na história no país”<sup>3</sup>. A mesma reportagem apontou como causas desse fato, a partir do Índice Geral de Preços (IGP) da Fundação Getúlio Vargas, fatores externos à economia nacional, entre as quais se destacava a forte elevação dos preços do petróleo. Percebe-se, por meio das demais reportagens, que essa situação passou todo o país. Em uma das edições do ano de 1981 havia um balanço do ano anterior, em que se anunciava em Belo Horizonte aumentos de alimentos de até 339% e observava-se que “comprar o mesmo produto pelo mesmo preço em dias diferentes foi quase impossível”<sup>4</sup>.

Em outra matéria do mesmo jornal, pode-se perceber, com mais clareza, a situação econômica que o Brasil enfrentava no marco inicial dessa pesquisa:

Ficou-se o ano de 1980 sem que a política econômica do Governo apresentasse resultado positivo em relação aos seus objetivos de combate à inflação e equilíbrio da Balança de Pagamentos. Os índices oficiais da inflação, até o findar do ano, calculado segundo o IGP, apresentaram um crescimento de 98,52% de janeiro a novembro, permitindo a antecipação de um percentual aproximado de 120% de inflação anual, segundo as previsões do Departamento Econômico da Fiemg<sup>5</sup>.

Essa mesma reportagem também apontou o valor da dívida externa brasileira ao final desse mesmo ano, que chegava a 56 bilhões de cruzeiros, “apresentando um déficit na balança comercial de três bilhões de cruzeiros, 50% acima do limite máximo fixado pelas metas governamentais para este ano”<sup>6</sup>.

Segundo Duarte (2009, p.230), nos últimos meses de 1982, o Brasil era agraciado com “a maior dívida externa do mundo, 87 milhões de dólares”, gerando altos níveis de instabilidade. No ano de 1984, o jornal Estado de Minas anunciava que o ano anterior entraria para a história econômica do país e seria lembrado como um dos mais difíceis já experimentados pela sociedade brasileira, devido “às indefinições de ordem econômica, sucessivas alterações da lei de salários, diferentes

---

2. A ÚNICA saída é produzir mais e poupar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 jan. 1981. 15.305, Primeiro caderno, p. 6.

3. INFLAÇÃO é a maior da história. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 jan. 1981. 15.290, p.1.

4. PAGAMOS muito caro por tudo. E ficamos muito mais pobres. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 jan. 1981. 15.285, Primeiro caderno, p.5.

5. 1981: só a vontade nacional será capaz de vencer crise econômica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1981. 15.287, Economia, p.1.

6. *Idem*.

indexações, alterações tributárias, que foram uma norma geral” . É possível constatar, pelas fontes consultadas, que esses problemas, em maior ou menor grau, transcorreram toda a década de 1980.

Mesmo com o fim do regime militar e com as esperanças da população “direcionadas” para a eleição de Tancredo Neves em 1985, a inflação herdada do governo Figueiredo era muito preocupante. Com a morte repentina do presidente, a situação tendia a se agravar. No início de 1986, o índice de inflação chegaria a 500% (PILAGALLO, 2009).

Arelado aos graves problemas econômicos que o país enfrentava, o carnaval foi fortemente noticiado como um momento de extravasamento. As várias crises inflacionárias e os sucessivos fracassos do Estado em estabilizar a economia brasileira num período de intensa troca de moedas, tornavam frequentes a associação do carnaval com a possibilidade de esquecimento temporário dos problemas do país: “De aperto em aperto, de desaforo em desaforo, de encanto a desencanto, mesmo com a inflação em alta e com o moral em baixa, está vindo o carnaval, a salvação da pátria brasileira [...]”<sup>8</sup>.

Outras reportagens também enfatizavam essa ideia, como uma entrevista de um deputado ao jornal Estado de Minas criticando a restrição de verba pela Prefeitura para a festa em Belo Horizonte: “[...], pois se o povo já não tem o pão, vão tirar-lhe o circo?”<sup>9</sup> Outras manchetes e trechos de reportagens eram bastante significativos:

O carnaval aqui é um estado permanente de espírito e mesmo que os horizontes sejam foscos, os olhos estão sempre brilhantes, regados à cerveja, à pinga ou a uma piada [...] <sup>10</sup>.

Apesar das dificuldades trazidas pelo alto custo de vida, pela inflação galopante, pelos preços altos de tudo e sucessivos aumentos, a partir da gasolina, ainda há disposição do povo para a folia. O brasileiro não liga para essas coisas quando chega o reinado de Momo. O carnaval serve também para fazer esquecer as ‘agruras da vida’ <sup>11</sup>.

Carnaval é som, é luz, é alegria, é a catarse de todas as frustrações<sup>12</sup>.

7. O ANO de 1983 entrará para a história como o ano mais difícil do século. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 jan. 1984. 16.100, Primeiro caderno, p. 16.

8. NETO, N. Sociedade do interior: Saudações carnavalescas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1981. 15.320, Primeiro caderno, p. 16.

9. FERRAZ, P. Circo. *Estado de Minas*, 24 fev. 1980. 15.021, Caderno Fim de semana, p.1.

10. MAURÍCIO, J. As ilusões fantasiadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. 15.818, Caderno ‘2’, p.1.

11. FOLIA no interior começou ontem. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1982. 15.586, Primeiro caderno, p.12.

12. **CARNAVAL é som, é luz, é alegria.** *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1980. 15.017, Caderno Feminino, p.1.

[...] válvula de escape que nos acode uma vez por ano, nos tornando mais suportáveis, menos amargos e mais leves para comportarmos a avalanche que nos espera durante o resto do ano<sup>13</sup>.

O certo é que o carnaval continua sendo terapia de massa, mesmo se gastando uma nota para frequentar um clube e tomar umas<sup>14</sup>.

O samba é ainda uma das poucas esperanças do povo brasileiro<sup>15</sup>.

[...] é no carnaval que o operário e o desempregado, o favelado e o desprezado, o pobre e o humilde mostram que são lindos. Lindos porque a partir de hoje se transformam no mestre sala e na porta-bandeira<sup>16</sup>.

[...] está chegando a hora em que o lindo povão brasileiro vai esquecer as desavenças, as críticas, os maus momentos e tudo mais... É este o momento que temos para alegrar nossos corações<sup>17</sup>.

Percebe-se nos exemplos, certa passividade atribuída ao povo, misturada a um romantismo atrelado ao momento do carnaval, como se este fosse capaz de neutralizar as diferenças do cotidiano. Percebe-se, também, até um reforço das hierarquias sociais na medida em que se reconhece que o “pobre, o desprezado e o humilde” ganham um poder temporário. Atrelada a esses apelos, também foi bastante perceptível a utilização de uma linguagem “popular” ou de expressões que remetiam às comunidades e às pessoas:

O carnaval 80 está pegando fogo, moçada. [...] A Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes anunciou que os prêmios desse ano serão de, pelo menos, quase o dobro do ano passado. Quer notícia melhor do que esta, malandro?<sup>18</sup>.

Alô, alô pessoal dos barracões! Costureiras, está chegando a hora!<sup>19</sup>

Atenção, atenção foliões de todas as Minas Gerais. Está na hora de limpar a garganta, tirar o pigarro, reforçar os pulmões, porque este carnavalesco mostra pra vocês, neste cantinho de página, o melhor samba-enredo do carnaval/80<sup>20</sup>.

---

13. NETO, N. Sociedade do interior: Pirômetro da folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Primeiro caderno, p.12.

14. NETO, N. Sociedade do interior: Carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.12.

15. NOTAS do dia: dinheiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1984. 16.151, Primeiro caderno, p.5.

16. *Idem*.

17. CARNAVAL etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1987. 15.986, p.10.

18. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 02 fev. 1980. 15.004, Primeiro caderno, p.8.

19. CARNAVAL etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1987. 15.986, p.10.

20. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jan. 1980. 15.001, Primeiro caderno, p.8.

E Vespasiano, como é que vai? [...] A querida cidade está 'botando para quebrar' e não é de hoje que se ouve nos bairros que o ensaio geral da moçada esse ano vai atrair multidões de foliões [...]. Olha a escola de samba Improvisados do Ritmo preparando o samba [...]”<sup>21</sup>.

Se existe mulher que entende de samba esta é Sebastiana Mizaela, pois é uma das poucas em Minas que, a frente do povão alegre, puxa a corda e põe uma escola de samba na rua [...]”<sup>22</sup>.

Estou recebendo notícias dessa maravilhosa e simpática Santa Luzia [...]”<sup>23</sup>.

Onde estão os maiorais e os carnavalescos do interior lindo que até agora não se manifestaram?<sup>24</sup>

Ê, coisa boa é carnaval de Ouro Preto, gente fina! Para este ano teremos um desfile da minha protegida, a escola de Samba Inconfidência Mineira<sup>25</sup>.

A menção, aparentemente despreziosa, a nomes de pessoas comuns e a cidades do interior do Estado, pouco retratadas pelo jornal em outras ocasiões, bem como a forma de comunicação, que sugere um diálogo direto entre o colunista e o leitor, podem ser entendidas como importantes recursos de aproximação do jornal com as comunidades envolvidas na preparação do carnaval, como se no momento da festa todos falassem uma só língua. Neste caso, o jornal se abstém da linguagem rebuscada (embora nem sempre cuidadosa) de outras notícias e ocasiões, para dar lugar a uma fala mais popular, sugerindo uma igualdade de relações.

Outra característica observada nas várias reportagens espalhadas no corpo de algumas edições foi a mistura do tema do carnaval com assuntos políticos, como “carnaval da abertura”<sup>26</sup>, no momento em que se almejava a abertura política do país, ou “carnaval da vitória”<sup>27</sup>, referindo-se a vitória de Tancredo Neves nas eleições indiretas de 1985. Sobre este fato, vale ressaltar que havia um forte direcionamento ideológico com um declarado apoio ao governo mineiro daquele período. Dois são os exemplos mais fortes observados. O primeiro foi a exaltação do candidato à presidência da República, o então governador mineiro, Tancredo Neves, em 1985. O jornal se ocupou em estampar em grandes reportagens com

21. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.005, Primeiro caderno, p.17.

22. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.008, Primeiro caderno, p.8.

23. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.009, Primeiro caderno, p.8.

24. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 fev. 1983. 15.816, Primeiro caderno, p.7.

25. CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.6.

26. CAETANO, M. Desencanto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Caderno Fim de semana, p.1.

27. SECRETARIA prepara o carnaval da vitória. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 jan. 1985. 16.416, Primeiro caderno, p.8.

manchetes garrafais, a sonhada “liberdade” que o povo brasileiro esperava adquirir com a eleição desse candidato.

Sem sequer problematizar outros interesses por detrás de sua campanha e de sua posterior eleição, tratou o fato como um grande acontecimento, noticiando festas por todo o país e, principalmente, em Minas Gerais. Uma unanimidade sem contestação. Após a sua morte, no dia vinte e um de abril de 1985, como de se esperar, Tancredo foi noticiado como um mártir. Outro exemplo é um conjunto de reportagens publicadas em 1987 sobre o então governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. O conjunto de trinta e duas páginas exaltava o político com inúmeras propagandas de empresas privadas que, também, o homenageavam.

Em meio ao tratamento que o governo mineiro recebia neste momento, o carnaval parecia também se constituir como uma das ferramentas de convencimento popular a favor do posicionamento do jornal acerca da política do estado. A maior veiculação da festa associada aos problemas que o país enfrentava foi mais perceptível nos primeiros anos da década de 1980, no momento anterior à eleição de Tancredo Neves para presidente.

Por outro lado, a associação de temas carnavalescos à economia ou à política do país, de forma desconectada, poderia contribuir para o distanciamento do leitor em relação à complexidade dos fatos que aconteciam no Brasil, inseridos no “pacote carnavalesco” do momento e misturados ao tom de deboche e de brincadeira que são características da festa, originando, assim, uma “crítica conformista” e pouco questionadora.

Em relação ao Estado de Minas, o que pôde ser observado em linhas gerais foi um jornal pouco problematizador. Reduzidas, em grande parte, a um caráter utilitário, pouco de concreto foi oferecido para pensar a especificidade das festas mineiras, em se tratando de seus aspectos culturais e de sua singularidade em cada região. A maior parte das reportagens relacionava-as, comumente, às escolas de samba cariocas e ao emergente carnaval baiano e às novidades do axé *music*, como se compusessem um modelo único nacional a ser copiado pelos demais estados.

No início da década, Carlos Drummond de Andrade, cronista do jornal, era um dos principais críticos do carnaval e de suas transformações. Questionava o que considerava a perda da espontaneidade da festa popular, o alto gasto do poder público em nome do turismo e, principalmente, o “oficialismo” das escolas de samba cariocas<sup>28</sup>. Outros textos criticavam a cópia do modelo carioca pelas outras cidades

---

28. ANDRADE, C. D. Carnaval, uma causa perdida. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1981. 15.332, Caderno '2', p.1.



do país e a possível “perda de espaço do povo nas ruas<sup>29</sup>”. Embora seja necessário lançar um olhar ponderado sobre essas críticas, por vezes ativistas ou idealistas, algumas relações importantes podem ser produzidas. O utilitarismo conferido à festa parecia, também, contribuir com a veiculação do carnaval como um meio de promoção do país no exterior e como meio de arrecadação financeira para as cidades, incentivando o seu caráter mercadológico e o seu desenvolvimento enquanto um produto turístico, principalmente em se tratando do contexto pesquisado.

Tendo em vista os graves problemas enfrentados pelo Brasil em toda a década de 1980, as diversas fontes consultadas sugeriam o turismo como uma grande possibilidade de desenvolvimento econômico. Em uma das reportagens do jornal Estado de Minas fica claro o grau de importância que vinha sendo atribuído a esse setor: “A partir de 1974, o turismo caracterizou-se, no contexto mundial, como a atividade econômica mais rentável após o petróleo, superando a indústria do aço, dos armamentos e do automóvel, que eram as mais poderosas do planeta”<sup>30</sup>.

Duarte (2009, p.78) observa que a indústria turística mundial se desenvolveu, de forma galopante, a partir dos anos sessenta do século passado, por meio das novas tecnologias e do incremento de conquistas sociais que “vieram a criar uma série de condições, tais como, facilidade de deslocamento, tempo livre e existência de uma classe média com poder aquisitivo [...]”. A autora associa esses fatores a um aumento massivo da riqueza e da renda disponível com a “mudança nos estilos de vida e nos comportamentos” (p.40), ressaltando que o setor turístico, em um primeiro momento, deu-se “de forma massiva nos países industrializados e mais ricos, por razões óbvias” (p. 41). Demonstra, ainda, o grande crescimento do setor turístico no mundo inteiro entre 1960 e 1994, um período em que parte da temporalidade dessa pesquisa se insere.

Esse reconhecimento, de certo modo, justificava a necessidade do Brasil em aumentar os investimentos nesse setor, apelando, principalmente, ao turista estrangeiro que, segundo as diversas reportagens sobre o assunto, era quem teria as melhores condições de movimentar a economia brasileira. Um desses fatores era a grande desvalorização do cruzeiro em relação ao dólar. Uma reportagem do Jornal Estado de Minas aborda exatamente essa questão, ao noticiar uma campanha de uma empresa de aviação brasileira nos Estados Unidos: “Com um dólar, você compra quarenta e três notas de um cruzeiro. Já imaginou o que poderá fazer com

---

29. FARIA, R. O delírio das massas continua. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 4 mar 1984. 16.154, Caderno Fim de semana, p.6.

30. EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p.4.

esse dinheiro no Brasil”?<sup>31</sup> Os estrangeiros eram, assim, anunciados como “um público diferenciado que tinha dinheiro e poderia contribuir para o desenvolvimento de nossa cultura”<sup>32</sup>. Em outra reportagem, percebe-se melhor esta relação:

A inflação, que tantos malefícios causa à economia brasileira, em apenas um ponto poderá, paradoxalmente, contribuir para as soluções que o país espera este ano, a fim de se recompor financeira e economicamente. É que ela favorece o desenvolvimento do turismo estrangeiro, criando condições mais atraentes para os fluxos internacionais<sup>33</sup>.

Duarte (2009, p. 371) aponta a década de setenta como período em que se desenvolveram no Brasil as “primeiras iniciativas governamentais de apoio e suporte às atividades turísticas”. Resultado de fatores circunstanciais, ocasionais e conjunturais, para a autora, o desenvolvimento do setor não foi fruto de “uma política nacional de turismo, de um esforço organizado, planejado e sistematizado” (p. 370). Ressalta, ainda, que o setor surgiu como alternativa viável e importante de “desenvolvimento, geração de emprego e riqueza” (p. 373), assim como demonstraram as diversas reportagens, e aponta a década de 1980, como período em que o turismo alcançou valores importantes, com iniciativas promocionais dos governos dos estados, favorecendo um “aumento significativo no fluxo turístico [...]” (p. 374).

Em Minas Gerais, a preocupação com o turismo enquanto possibilidade de desenvolvimento econômico também crescia, agravada pelo fato desse estado ainda ter uma política bem deficitária em relação a outros estados brasileiros. Percebe-se, pelas fontes, certo desespero pela busca tardia do que era visto como um desperdício de seu potencial turístico, relacionado, principalmente, às cidades históricas e ao Circuito das Águas. Argumentava-se que o estado mineiro, que já havia investido sobremaneira no desenvolvimento do setor secundário de sua economia, deveria, naquele momento, investir no plano terciário, “no qual o turismo aparecia como uma das áreas mais propícias a um retorno imediato, tornando-se fator de dinamização socioeconômico”. Encerra-se o artigo lamentando-se o pouco investimento dado ao setor, “quando o país precisa de divisas e o turismo interno e externo, calcado nos atrativos mineiros, pode contribuir de forma marcante para o reforço do erário estadual do Brasil”<sup>34</sup>.

Nesta empreitada, o carnaval tornou-se um dos principais símbolos da busca de novos caminhos para o desenvolvimento da economia. Várias foram as repor-

---

31. PARA atrair turistas, um Brasil diferente nos EUA. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 1980. 14.985, Caderno Pequenos Anúncios, p.4.

32. *Idem*.

33. FORÇA do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 jan. 1983. 15.808, Primeiro caderno, p. 4.

34. EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p.4.

tagens que defenderam a promoção da festa carnavalesca, sobretudo das cidades históricas, como meio de valorização do potencial turístico de Minas Gerais. Em uma delas, anunciava-se a importância do planejamento e da organização da festa. Do contrário, as cidades ficariam “na saudade”, já que o carnaval, “agora, mais do nunca, é um ato público altamente válido para promover as cidades”<sup>35</sup>.

Em outra, destacava-se a relação entre carnaval e turismo na cidade de Ouro Preto. Ao noticiar as festividades do ano de 1984, comunicava-se que a cerimônia de abertura seria realizada em um Hotel, por iniciativa da empresa e da própria prefeitura. Entre os convidados estavam empresários, agentes de viagem, políticos, autoridades e jornalistas, “pois é desejo do hotel e da municipalidade dar nova dimensão ao carnaval, bem como, outras promoções que a história e turística cidade comporta”. O texto se encerra elogiando a iniciativa: “Taí uma deliberação digna de aplausos [...]. Hoje em dia existe concorrência, oferecimento e tudo mais para se buscar os turistas, exigindo-se, portanto, projetos nesse sentido”<sup>36</sup>.

Não parece sem propósito o tema do carnaval de 1984 noticiado pelo jornal Estado de Minas: “Ouro Preto: turismo e cultura”. Neste caso, a associação da festa à possibilidade de alcance de visibilidade para as cidades, via turismo, pode favorecer, também, a sua exploração via mercado, ao se sugerir explicitamente o seu potencial lucrativo. Como observam Hall; Tucker (2004), a criação de um destino turístico envolve dar lugar ao desenvolvimento de uma representação deste destino dentro de um contexto de consumo e de produção de lugares, incorporados no sistema de capital global. Os autores ajudam a pensar a importância da veiculação de discursos sobre o turismo, ao afirmarem que as representações criadas passam a ser vendidas mais do que qualquer outro produto regional.

De forma semelhante, o duplo caráter das reportagens, utilitário e conformista, mesmo que aparentemente contraditório, parece sinalizar para uma mesma função: a da veiculação da festa como um meio, seja para esquecer “as agruras da vida”, seja como forma de criação e promoção de um destino turístico, ambas possibilidades resguardadas pela crise vivida pelo país nos anos 1980.

A aparente ingenuidade da festa, compreendida comumente como uma experiência desconectada da vida ordinária, comporta, assim, diversos usos, muitos dos quais não são questionados em razão da pouca importância que se confere aos momentos festivos como objeto de estudo. Estes usos comportam diversas

---

35. NETO, N. Sociedade do interior: Estado de Minas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 mar. 1981. 15.340, Primeiro caderno, 1981.

36. NETO, N. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1984. 16.141, Primeiro caderno, p.12.

intencionalidades, como a sua veiculação como um momento essencialmente bom, contraposto a uma realidade maléfica e injusta. A festa, guardiã da espontaneidade e da pureza popular, seria a responsável em possibilitar aos brasileiros um momento de felicidade. Os problemas, embora denunciados, eram neutralizados pela chegada do carnaval e pelo tratamento passivo e cômodo frente às questões anunciadas, que, na grande maioria das vezes, não suscitava nenhuma discussão às próprias críticas e reclamações.

Poucas foram as intervenções neste sentido, podendo-se destacar, mais uma vez, o cronista Carlos Drummond de Andrade que, em 1981, fez a seguinte denúncia: “Enquanto o pessoal se esbalda, não pensa na crise econômica, não repara que a comida mais simples aumentou de preço no decorrer da semana e tem lá tempo e cabeça para pensar numa coisa chamada dívida externa?”<sup>37</sup>.

Outros autores também criticavam a suposta utilização da festa pelo Governo com o propósito de “controlar e organizar as massas”<sup>38</sup>, com uma clara denúncia pautada no suposto intuito de desviar a atenção das pessoas e afastá-las do debate político. Tendo em vista que a grande maioria das reportagens se restringia a noticiar acontecimentos, associando o carnaval a diversas funções, não se pode desconsiderar a importância da publicação dessas críticas, sistematizadas e fundamentadas no contexto vivenciado pelo país. No entanto, torna-se prudente reconhecer que tais discursos poderiam comportar visões estritamente negativas em relação às possibilidades de apropriação e significação das pessoas frente às possíveis utilizações políticas da festa. Assim como o futebol também foi bastante criticado nos anos 1980, como sendo o “ópio do povo”, também as acepções destinadas ao carnaval e à noção de imobilidade que a sua vivência comporta, precisam ser analisadas com cuidado.

E neste sentido, veiculavam-se também nas páginas do jornal, os mais diversos estereótipos para o “povo”, a “grande massa anônima” descrita por Da Matta (1997, p. 14). Provoca o autor: “E quem não fala por ela no Brasil?” A interlocução entre esta “massa” e o jornal estava permeada de recursos textuais que sugeriam uma suposta proximidade com o leitor.

A festa, veiculada apenas como um momento efêmero, como uma “catarse”, ou como esquecimento, sugere, até mesmo, um “festejar” das “aguras da vida”, devido ao tom de conformismo do que supostamente tenta se apresentar como crítica. A cada ano o carnaval parecia se tornar o antídoto anestésico da amnésia coletiva. E assim, no seu aparente caráter desprezioso, a festa legítima discursos, ações, estratégias políticas e ideológicas, enfim, coloca em circulação processos

---

37. ANDRADE, C. D. Carnaval, uma causa perdida. *Estado de Minas*, 14 fev. 1981. 15.322, Caderno '2', p.1.

38. FARIA, R. O delírio das massas continua. *Estado de Minas*, 04 mar. 1984. 16.154, Caderno Fim de semana, p. 6.

formativos que, muitas vezes, tornam-se inquestionáveis pela imparcialidade que parecem possuir frente a outras questões “mais sérias” da vida ordinária.

Neste caso, este artigo corrobora o pensamento de Brandão (1989), para quem a festa não pode (e não deve) ser desconectada da vida cotidiana. E por isso, por constituir parte da dinâmica social, demanda, também, a análise cuidadosa das suas formas de veiculação e dos usos que dela são feitos. O carnaval, compreendido enquanto momento de simples extravasamento ou apenas como momento em que se vive temporariamente outra realidade, na qual graves problemas do cotidiano tornam-se meras fantasias ou deboches, pode permitir a reprodução de estereótipos, injustiças e formas de dominação, que, de forma sutil, aparecem “fantasiados”. Na verdade, este parece um dos objetivos do jornal: a passividade e a aceitação dos problemas via festa.

Ainda, em meio a esta abordagem, não apenas a festa é destituída de sua importância enquanto manifestação cultural, mas o próprio poder de experimentação das pessoas e de construção de suas próprias possibilidades de vivência do carnaval é reduzido em um olhar fatalista e encerrado em uma única perspectiva: a festa é o lugar da fuga, do silenciamento e do esquecimento. Nela, recobrava-se as energias para enfrentar mais um ciclo de problemas e frustrações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de utilização do carnaval nos diversos recursos jornalísticos pesquisados demonstraram que algumas visões acerca desse fenômeno merecem um olhar mais cuidadoso, como a naturalização da festa como algo essencialmente bom e desconectado da vida ordinária, servindo como um escape do cotidiano. Este alheamento pode dificultar que questões importantes sejam discutidas e problematizadas, tornando a festa, por vezes, neutra e imemorial. Da mesma forma, pode induz ao estereótipo do supérfluo, muitas vezes, imbuído de um romantismo exacerbado e de uma alta carga prescritiva, destituindo o carnaval de sua importância na complexidade das relações sociais.

Por fim, o artigo pretendeu chamar a atenção para a importância de se estudar os vários contextos de formação. Além da escola, da família, da igreja, do trabalho, dentre outras instâncias, as manifestações que acontecem no lazer, como as festas, também são imprescindíveis para se compreender a dinâmica da vida em sociedade. Também no carnaval são postos em prática processos educativos que precisam ser mais bem explorados. Mesmo se reconhecendo que entre veiculação midiática e apropriação individual e coletiva existe um longo percurso, que vai muito além das intenções que um veículo como o jornal espera alcançar, estas são questões

que não podem passar despercebidas. Podem, ainda, ofertar possibilidades para se compreender as formas de veiculação impressa que estão postas atualmente.

### The Propagation of Minas Gerais' Carnival in the 1980s: "Salvation of Brazilian Homeland"

*ABSTRACT: This paper discusses the propagation of Carnival in Minas Gerais during the 1980s, through the analysis of an important newspaper of the period, the Estado de Minas. It could be observed that, in the face of severe political and economic scenario experienced by the country during the study period, the carnival was widely disseminated as "salvation" to the problems faced, as an "escape valve" or as a party pure and naive, capable of translating popular spontaneity. And so, in its apparent unassuming character, put in circulation formative processes that often become unquestionable that seem to have other issues facing the "most serious" of ordinary life.*

*Keywords: Carnival; newspaper; formative processes; leisure.*

### La divulgación del carnaval de Minas Gerais en la década de 1980: "la salvación de la patria brasileña"

*RESUMEN: En este trabajo se analiza la divulgación del Carnaval en Minas Gerais durante la década de 1980, a través del análisis de un diario importante de la época, el Estado de Minas. Se puede observar que, en vista del escenario severo (político y económico) que vivió el país durante el período de estudio, el carnaval fue ampliamente difundido como "salvación" a los problemas enfrentados, como una "válvula de escape" o como una fiesta pura e ingenua, capaz de traducir la espontaneidad popular. Y así, en su carácter modesto aparente, puesta en circulación, procesos formativos que, muchas veces, se tornan incuestionables debido a la imparcialidad que parecen tener se comparados a otros problemas "más graves" de la vida ordinaria.*

*Palabras claves: Carnaval; diario; procesos formativos; ocio.*

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.R. *A cultura na rua*. Campinas: Papyrus, 1989.

CANNADINE, D. Contexto, execução e significado do ritual: a Monarquia Britânica e a 'Invenção da tradição', 1820 a 1977. In: HOBBSBAMN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

DA MATTA, R. *Carnaval, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, A. R. *Desenvolvimento do turismo cultural da cidade histórica de Ouro Preto (Minas Gerais – Brasil), Patrimônio da Humanidade*. 398f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidad de Las Palmas de Gran Canaria . Las Palmas de Gran Canaria, 2010.

LUNA, F. V; KLEIN, .S. *O Brasil desde 1980*. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

HALL, M; TUCKER, H. Tourism and postcolonialism: na introduction. In: \_\_\_\_\_. (orgs.). *Tourism and postcolonialism: contested discourses, identities and representations*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

PILAGALLO, O. *A história do Brasil no século 20 (1980-2000)*. 2 ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. (org.). *Cinco estudos em história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. p. 11-

## FONTES

ANDRADE, C.D. Carnaval, uma causa perdida. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1981. 15.332, Caderno '2', p.1.

FARIA, R. O delírio das massas continua. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 4 mar 1984. 16.154, Caderno Fim de semana, p.6.

FERRAZ, P. Circo. *Estado de Minas*, 24 fev. 1980. 15.021, Caderno Fim de semana, p.1.

CAETANO, M. Desencanto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Caderno Fim de semana, p.1

MAURÍCIO, J. As ilusões fantasiadas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 fev. 1983. 15.818, Caderno '2', p.1

NETO, N. Sociedade do interior: Saudações carnavalescas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1981. 15.320, Primeiro caderno, p. 16.

NETO, N. Sociedade do interior: Pirômetro da folia. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1981. 15.336, Primeiro caderno, p.12.

NETO, N. Sociedade do interior. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 08 mar. 1981. 15.340, Primeiro caderno, 1981.

NETO, N. Sociedade do interior: Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 fev. 1984. 16.141, Primeiro caderno, p.12.

NETO, N. Sociedade do interior: Carnaval. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.12.

A ÚNICA saída é produzir mais e poupar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 25 jan. 1981. 15.305, Primeiro caderno, p. 6.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jan. 1980. 15.001, Primeiro caderno, p.8.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 02 fev. 1980. 15.004, Primeiro caderno, p.8.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.005, Primeiro caderno, p.17.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.008, Primeiro caderno, p.8.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1980. 15.009, Primeiro caderno, p.8.

CARNAVAL é som, é luz, é alegria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 14 fev. 1980. 15.017, Caderno Feminino, p.1.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 fev. 1983. 15.816, Primeiro caderno, p.7.

CARNAVAL Etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 fev. 1983. 15.826, Primeiro caderno, p.6.

CARNAVAL etc. e tal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 fev. 1987. 15.986, p.10.

EMPRESA turística. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1980. 14.979, Caderno de Turismo, p.4.

FOLIA no interior começou ontem. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 fev. 1982. 15.586, Primeiro caderno, p.12.

FORÇA do turismo. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 jan. 1983. 15.808, Primeiro caderno, p. 4.

INFLAÇÃO é a maior da história. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 08 jan. 1981. 15.290, p.1.

NOTAS do dia: dinheiro. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 mar. 1984. 16.151, Primeiro caderno, p.5.

O ANO de 1983 entrará para a história como o ano mais difícil do século. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 jan. 1984. 16.100, Primeiro caderno, p. 16.

PAGAMOS muito caro por tudo. E ficamos muito mais pobres. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 jan. 1981. 15.285, Primeiro caderno, p.5.

PARA atrair turistas, um Brasil diferente nos EUA. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 1980. 14.985, Caderno Pequenos Anúncios, p.4.



SECRETARIA prepara o carnaval da vitória. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 jan. 1985. 16.416, Primeiro caderno, p.8.

1981: só a vontade nacional será capaz de vencer crise econômica. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 04 jan. 1981. 15.287, Economia, p. 1.

Recebido em: 7 abr. 2013  
Aprovado em: 7 ago. 2013